



A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor  
Nome: Irma Rizzini  
E-mail: [irma.rizzini@gmail.com](mailto:irma.rizzini@gmail.com)  
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Submetido: 05/09/2019  
Aprovado: 06/03/2020  
Publicado: 08/10/2020

[doi> 10.20396/rho.v20i0.8656567](https://doi.org/10.20396/rho.v20i0.8656567)  
e-Location: e020050  
ISSN: 1676-2584



Checagem  
Antiplágio

Distribuído  
Sobre



## ELISA SCHEID: UMA PROFESSORA NOS MOVIMENTOS DE TRABALHADORES DA ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL (ENGENHO DE DENTRO, RIO DE JANEIRO, 1890 A 1910)

  Irma Rizzini<sup>1</sup>

  Camilla Estevam Dantas Gomes<sup>2</sup>

  Alessandra Frota Martinez de Schueler<sup>3</sup>

### RESUMO

A proposta do artigo é analisar a trajetória de uma professora primária municipal do Rio de Janeiro e militante no movimento operário, Elisa Scheid, a partir de seus escritos e indícios de suas ações, pesquisados nos jornais de grande circulação da cidade e nos impressos vinculados aos movimentos de trabalhadores. O estudo se insere em pesquisa mais ampla sobre a trajetória de mulheres, com destaque para as professoras, e sua participação nas lutas por direitos civis, políticos e no mundo do trabalho, entre os séculos XIX e XX. A análise realizada sugere que Elisa Scheid constituiu ampla rede de sociabilidade, baseada nas suas experiências familiares e de formação educacional, na prática do magistério primário nos subúrbios cariocas e na sua inserção em associações, publicações e organizações políticas formais. Participou da criação e da direção da União Operária do Engenho de Dentro e do Partido Operário Independente. A despeito das interdições e desigualdades históricas de gênero, classe e raça, nossa hipótese é a de que a professora representou liderança proeminente na defesa dos direitos dos/as trabalhadores/as e da educação, atuando na propaganda político-partidária e na formação de agremiações trabalhistas. Os indícios de sua trajetória retratada neste artigo evidenciam a ocupação de espaços públicos possíveis a algumas mulheres, ao menos àquelas pertencentes aos meios letrados. Suas lutas políticas relativizam a representação corrente sobre o suposto predomínio do mundo doméstico como limite para as experiências femininas naquele contexto histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da educação. Trajetórias de professoras. Relações de gênero. Movimentos de trabalhadores/as.



**ELISA SCHEID: A TEACHER IN THE WORKERS' MOVEMENTS OF THE CENTRAL RAILWAY OF BRAZIL (ENGENHO DE DENTRO, RIO DE JANEIRO, 1890-1910)**

**Abstract**

This article presents an analysis of the trajectory of a public primary school teacher of Rio de Janeiro's city and a militant in the labor movement, Elisa Scheid, based on her writings and records of her activities published in widely circulated newspapers of the city and in those linked to labor movements. The study is part of a wider research on the trajectory of women, focusing on teachers and their participation in the struggles for civil, political and labor rights between the nineteenth and the twentieth centuries. The analysis suggests that Elisa Scheid formed a broad network of sociability based on her family experiences her educational background, on her primary teaching practice in the suburbs of Rio and on her participation in associations, publications and formal political organizations. She participated in the creation and was part of the board of the Workers Union of Engenho de Dentro and the Independent Workers Party. Despite historical constraints and inequalities based on gender, class and race, our hypothesis is that Elisa Scheid performed a prominent leadership in defending workers' rights and education. She was engaged in political propaganda and worked for the formation of workers associations. Traces of her trajectory portrayed in this article, along with that of other teachers of her time, demonstrate how women occupied several spaces, at least those women of educated circles. Their struggles challenge the current representation of a supposed predominance of female experiences limited to the domestic world in that historical context.

**Keywords:** History of education. Gender relations. Trajectories of female teachers. Workers' movements.

**ELISA SCHEID: UNA PROFESORA EN MEDIO A LOS MOVIMIENTOS DE TRABAJADORES DEL FERROCARRIL CENTRAL DE BRASIL (ENGENHO DE DENTRO, RIO DE JANEIRO, 1890 A 1910)**

**Resumen**

Este artículo intenta analizar la trayectoria de Elisa Scheid, profesora de primer ciclo en la ciudad de Río de Janeiro, actuante en el movimiento operario, a partir de la investigación en sus escritos y la documentación de sus acciones encontrada en periódicos de gran circulación en la ciudad, además de los materiales impresos de los movimientos de trabajadores. Este estudio está inserido en una investigación más amplia sobre la trayectoria de las mujeres, destacándose las profesoras, y su participación en la lucha por los derechos civiles, políticos y en universo laboral entre los siglos XIX y XX. El análisis indica que Elisa Scheid ha constituido una amplia red de sociabilidad, basada en su experiencia familiar y educacional, su práctica docente en los suburbios y su inserción en las asociaciones, publicaciones y organizaciones políticas formales. Scheid ha participado de la creación y dirección de la Unión Operaria de Engenho de Dentro y del Partido Operario Independiente. No obstante frente a las desigualdades y interdicciones históricas de género, posición social y raza, nuestra hipótesis es que la actuación de la profesora ha representado un marco en la defensa de los derechos de los/las trabajadores/ras y de la educación, por el papel desempeñado en la propaganda política partidaria y en la formación de asociaciones de trabajo. Los resultados presentados en este artículo evidencian la ocupación de los espacios públicos por las mujeres, aunque en un principio solamente las letradas. Su lucha política relativiza la representación del supuesto predominio del mundo doméstico como un límite para las experiencias de las mujeres en ese contexto histórico.

**Palabras claves:** História de la educación. Trayectorias de profesoras. Relaciones de género. Movimientos de trabajadores/as.



## INTRODUÇÃO

A pujança que vai ostentando a União Operaria do Engenho de Dentro, – a mais importante das agremiações desse genero na America do Sul, pois já sobe a cerca de 8.000 o numero dos seus associados nesta capital e nas cidades de todo o interior do Brasil. – **fez com que procurassemos a Sra. D. Elisa Scheid, que é, a bem dizer, a maior influencia desse partido.** (AS ELEIÇÕES..., 1906, p. 2, grifo nosso).

As linhas acima foram publicadas na coluna do jornal Gazeta de Notícias intitulada “As eleições nos suburbios: O Partido Operario <Interview> com D. Elisa Scheid”. Saindo a público em 5 de janeiro de 1906, a matéria se preocupava em apresentar a cena política operária suburbana e a maneira como o Partido Operário Independente participaria das eleições daquele ano. A entrevistada, Elisa Scheid, era presidente do partido e líder operária, além de atuar como professora de escolas públicas primárias no Rio de Janeiro.

A entrevista com essa professora representa, para nós, historiadoras da educação, indício significativo da participação de mulheres nas ruas e nos espaços públicos, em meio às disputas eleitorais na jovem República, a despeito de a Constituição de 1891 ter silenciado sobre o sufrágio feminino e ratificado a exclusão do voto aos analfabetos, exclusão vigente desde a Reforma Eleitoral de 1881. A luta pelo direito de sufrágio, aliás, não deixou de ser pautada por algumas mulheres em seus jornais e revistas, a partir da segunda metade do século XIX, com destaque para a escritora e jornalista Josephina Álvares de Azevedo. (DUARTE, 2016; CARULA, 2016). Como a professora Elisa Scheid, outras educadoras, escritoras, poetisas e jornalistas participaram ativamente dos debates e iniciativas sobre a educação das classes trabalhadoras e da ampliação dos direitos das mulheres ao trabalho, à cidadania e ao ensino em seus vários níveis, embora seus rostos e nomes ainda sejam pouco conhecidos pela historiografia especializada<sup>4</sup>. A sua entrevista, publicada pela iniciativa da Gazeta de Notícias<sup>5</sup>, nos permite romper, ainda que de forma parcial e fragmentada, os silêncios e a invisibilidade histórica sobre trajetórias de mulheres e de professoras na vida pública e na política, para além de suas atuações nos espaços domésticos, nas casas de escola e nas salas de aula, temáticas sobre as quais há maior investimento acadêmico.

Assim, em consonância com a perspectiva já apontada por Soihet e Pedro (2007) a respeito da relevância dos estudos sobre as identidades coletivas de operários, camponeses, escravos, mulheres e pessoas comuns, nesse artigo, nosso objetivo central é seguir as pistas e as andanças da professora primária e líder operária pelo magistério carioca e pelas mobilizações dos trabalhadores nos subúrbios da cidade, em especial no Engenho de Dentro. Desse modo, a operação historiográfica aqui apresentada nos levou a buscar por possíveis faces de Elisa Scheid, assim como o fez a Gazeta de Notícias, norteadas por algumas questões, tais como: quem foi essa mulher, professora e militante operária, que vem recebendo visibilidade em estudos acadêmicos<sup>6</sup>, por ter ocupado, talvez, pela primeira vez, a presidência de uma agremiação política, o Partido Operário Independente? Quem foi a professora e a escritora,



redatora do periódico A União Operaria, que, entre outras questões, se dedicou a defender a instrução primária e profissional para os trabalhadores da Estrada de Ferro e moradores do subúrbio do Rio de Janeiro? Quem foi essa intelectual que, como Leolinda Daltro<sup>7</sup>, veio a público, nos jornais, para advogar pela educação das populações indígenas? Sem dúvida, São muitas as faces e os caminhos possíveis para conhecer Elisa Scheid. Nas próximas seções, analisaremos indícios das representações e do processo de **fazer-se** professora e militante, atuante no magistério primário e no movimento operário suburbano.

## ELISA SCHEID: O FAZER-SE DE UMA PROFESSORA NOS SUBÚRBIOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A trajetória de Elisa Scheid é aqui compreendida não como um percurso, dotada de uma lógica linear e teleológica, mas como um processo indeterminado e condicionado de experiências, escolhas e caminhos indefinidos, no campo de possibilidades aberto para os homens e as mulheres naquele espaço-tempo da cidade do Rio de Janeiro, em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. (BOURDIEU, 2006). O que sabemos sobre essas experiências, até o momento, são indícios, traços raros produzidos pelos contemporâneos e representados em alguns registros materiais de sua passagem pelas escolas, pelos subúrbios, pelos jornais e pelas agremiações políticas e associações de trabalhadores situados no distrito de Inhaúma, localidade do Engenho de Dentro, ligados à Estrada de Ferro Central do Brasil, entre os anos de 1899 e 1910. (GOMES, 2019). Na metodologia de pesquisa nominativa<sup>8</sup>, a busca pelo nome de Elisa Scheid na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, foi o caminho possível para a investigação de sua atuação na cidade, embora as limitações impostas por esse recurso não tenham nos permitido conhecer, ainda, de forma aprofundada, os contextos de seu nascimento, de sua infância, sua formação familiar. Por ora, sabemos que era filha de Henrique Scheid, engenheiro na Estrada de Ferro Central do Brasil, e Sabina Scheid e tinha mais cinco irmãos, dos quais localizamos o nome de três deles: Alexandre, Anna Maria e Custódio.

No que concerne à aprendizagem das primeiras letras, Pires de Almeida (1905), em artigo publicado na revista *Renascença*, destacou que a professora recebeu educação doméstica com uma preceptora inglesa e com um médico, Dr. Gunnings, seu padrinho de batismo, com quem teria lido textos de “pensadores socialistas do mundo”. A preceptora ensinou-lhe as línguas vivas, especialmente o inglês. Pires de Almeida também ressaltou que Elisa tinha o conhecimento de línguas nativas indígenas. De acordo com o colunista, a erudição nas línguas estrangeiras permitiu que, ao se tornar professora primária, Elisa lecionasse aulas de francês, alemão e inglês no magistério municipal, sem nenhuma retribuição e fora do seu horário de trabalho. Nas suas práticas pedagógicas, Elisa Scheid também teria utilizado a sua rica formação para desenvolver atividades pedagógicas então consideradas modernas, com ênfase no método intuitivo e na observação, como as excursões dedicadas aos fenômenos da natureza, apropriadas



ao ensino de noções de botânica, zoologia e mineralogia para os alunos. (ALMEIDA, 1905, p. 264-265).

A maior parte das informações encontradas sobre a trajetória de Elisa Scheid foram selecionadas por nós a partir de publicações na imprensa carioca. Grande parte desses registros refere-se às notícias de sua inserção e atuação no magistério, pelo menos entre os anos de 1899 e 1927. Em 1899, primeiro registro encontrado, a Gazeta de Notícias mencionou a concessão de subvenção pública para a sua escola primária particular, situada em Cascadura, 8º distrito escolar da freguesia de Inhaúma. Alguns anos depois, em 1902, a professora alcançou um cargo público na mesma freguesia, tendo sido nomeada regente na escola pública de meninas da Rua Aguiar, nº 1. (DIRECTORIA, 1903, p. 1). No ano seguinte, a Prefeitura convocava Elisa Scheid para comparecer ao edifício da Escola Normal, no centro da cidade, a fim de conferir sua habilitação e realizar o exame de prova escrita para a sua confirmação no magistério público. Entre 1902 e 1922, os periódicos indiciam a permanência da escola regida por Elisa Scheid no mesmo endereço. Em 1910 e 1911, há indícios de sua atuação docente também em outros estabelecimentos públicos, como no caso da escola regida pela professora Collina Aguiar, na Praça da República, n. 156. Depois dessas ocorrências, a professora voltou figurar nas páginas do Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro<sup>9</sup>, em 1922, quando sabemos que havia sido transferida para o 14º distrito escolar, para lecionar na 1ª escola masculina, localizada na Rua D. Pedro, n. 113, onde permaneceu, ao que parece, até o ano de 1927<sup>10</sup>. Assim, o que se percebe é que a trajetória profissional de Elisa, ao *fazer-se* professora, seguiu caminhos comuns aos de várias outras mulheres, e homens, de seu tempo, que buscaram um lugar no ofício de ensinar. Desde a escola particular subvencionada pelos cofres públicos (1899), passando pela inserção no quadro de funcionárias públicas (aproximadamente em 1902-1903), Elisa Scheid acumulou longa experiência docente até se tornar professora catedrática, na década de 1920. (DISTRICTO..., 1920, p. 9).

Para além das escolas públicas nas quais atuou, o nome Elisa Scheid chamou nossa atenção por outras iniciativas a que esteve ligada e pelas redes de sociabilidades de que compartilhava nos espaços privados, familiares e públicos, na política e nos movimentos organizados de trabalhadores da Estrada de Ferro, na região em que lecionou e residiu, no distrito de Inhaúma. As Escolas Operárias “Elisa Scheid”, nomeadas em sua homenagem pela associação União Operária do Engenho de Dentro, na qual ocupou a função de vice-presidente, contaram com seu apoio. As escolas funcionaram na sede da mesma associação, oferecendo instrução primária diurna e noturna para os trabalhadores e seus filhos, moradores do distrito. Mas, por quê Elisa Scheid se envolveu tão significativamente com as pautas dos trabalhadores suburbanos pela educação e por direitos do operariado das ferrovias?

Uma das explicações possíveis, sem dúvida, reside nas suas próprias redes de relações familiares e nas experiências sociais de sua formação na região do Engenho de Dentro. A convivência com seu pai, Henrique Scheid, homem de origem alemã, que exerceu o cargo de engenheiro residente na Estrada de Ferro Central do Brasil (COSTA, 2012), provavelmente,

teve peso significativo nos interesses e escolhas de Elisa. Um de seus irmãos, Custódio Scheid, também era trabalhador e militante da causa ferroviária, como indiciam as informações pesquisadas no jornal A União Operária (1904-1905), no qual ela atuou como redatora.

Sobre a mãe de Elisa, Boenavides (2018) defende a tese de que ela seria uma mulher de origem indígena, o que pode ter relação direta com o fato de que Elisa Scheid também se dedicou a tematizar a educação das populações indígenas em seus artigos e escritos (escreveu uma série de 7 artigos, publicados pelo Correio da Manhã, entre dezembro de 1901 e janeiro de 1902, intitulados Índios Brasileiros). Certamente, a fotografia da professora, publicada na “Interview”, na Gazeta de Notícias, representava uma mulher cujo fenótipo indicava a descendência mestiça. Seria Elisa filha de uma mulher índia? Ou de uma mulher negra? Impossível precisar<sup>11</sup>. Um dos poucos indícios sobre sua provável origem mestiça é uma foto de Elisa Scheid, que abriu o artigo da Gazeta de Notícias com a entrevista sobre as eleições nos subúrbios e o Partido Operário, em janeiro de 1906:



Figura 1 – Eleições nos subúrbios. O Partido Operário. “Interview” com Elisa Scheid.  
Fonte: As eleições nos subúrbios: o partido Operario “interview” com Elisa Scheid (1906, p. 2).



Fosse pela convivência familiar, pelo envolvimento com o trabalho docente ou pelas relações de vizinhança, o fato é que Elisa Scheid foi criada no Engenho de Dentro, região cujo território foi progressivamente ocupado no decorrer do século XIX. A implementação da Estrada de Ferro representou importantes mudanças, especialmente, no que diz respeito ao deslocamento de moradores dos subúrbios em direção à região central da cidade<sup>12</sup>. Em 1859, com a chegada dos bondes<sup>13</sup>, o processo de adensamento populacional, na cidade e nos subúrbios, foi favorecido, sobremaneira, em Inhaúma, distrito que abrigava, além do bairro Engenho de Dentro, outros seis centros populosos: Cascadura, Cupertino, Piedade, Encantado, Pilares e Praia Pequena. Inhaúma era o distrito suburbano mais próximo do centro da cidade e com o maior índice de crescimento no número de habitantes entre as localidades suburbanas<sup>14</sup>. No ano de 1890, a cidade passou a apresentar outra conformação<sup>15</sup>, com um total de 21 freguesias, das quais 13 eram caracterizadas como urbanas, com 429.745 habitantes, e 8 caracterizadas como rurais, com 92.906 habitantes, dentre os quais 17.448 residiam no distrito de Inhaúma, sendo 9.243 homens e 8.178 mulheres. Assim, no decorrer das décadas finais do século XIX, o distrito passou por uma urbanização ampliada e, conseqüentemente, iniciou-se um intenso processo de crescimento demográfico, econômico, comercial e industrial. As fábricas de tecidos, de cigarros e outras manufaturas ocuparam toda a extensão da malha territorial dos subúrbios. Nesse cenário, o Engenho de Dentro representava uma alternativa de moradia para os trabalhadores se manterem próximos dos seus trabalhos e dos estabelecimentos comerciais que avultavam com o crescimento populacional da região<sup>16</sup>. Conforme destaca Beaklini (2018), a questão da falta de regularidade dos trens propiciou a demanda de um conjunto de ações por parte da ferrovia, numa tentativa de suprir as dificuldades enfrentadas pelos operários para que esses chegassem e retornassem de casa para o trabalho e vice-versa. Assim, foram criados: vila de casas para os trabalhadores, escolas, armazém para a venda de secos e molhados, além de uma capela.

A relação entre transporte, fábrica e escola pode ser observada também em outras experiências suburbanas. A região de Vila Isabel vivenciou um movimento semelhante ao abrigar a Companhia de Ferro e Carril de Vila Isabel (1872), a Fábrica de Tecidos Confiança (1878), e a Escola Operária 1º de Maio, fundada em 1903, por Pedro Matera, que também trabalhara por quatro anos como cocheiro dos bondes do bairro. Ao contrário do movimento da União Operária, quando as escolas surgiram em decorrência dos objetivos educacionais previstos em seus estatutos, a Escola 1º de Maio era o cerne de mobilizações operárias, local onde ocorriam muitas atividades sindicais. No endereço da escola, à Rua Souza Franco nº 64, foi fundada a Associação Operária Independente (1912), tendo Pedro Matera como primeiro secretário e seu irmão, João Matera, como tesoureiro. O espaço da escola também abrigou o Centro de Estudos Sociais, com o propósito de divulgar as ideias anarquistas. (SILVA, 2019). Os operários fabris do bairro participaram intensamente das lutas dos trabalhadores, especialmente das greves gerais ocorridas no país em 1903. (GOLDMACHER, 2012).



A trajetória de Elisa Scheid estava, portanto, imbricada com a expansão dos subúrbios, das fábricas, das ferrovias, das escolas, dos trabalhadores e de seus movimentos associativos, no trilho das estradas de ferro da Central do Brasil<sup>17</sup>. Não por acaso, a primeira escola em que ela atuou, particular, de sua iniciativa, foi uma entre tantas outras escolas subvencionadas pelos poderes públicos municipais na tentativa de atender às demandas por escolarização nas regiões mais afastadas do centro urbano. Neste processo, professores e professoras, como a nossa personagem, pais de família e moradores das áreas suburbanas atuaram como sujeitos ativos. Na imprensa suburbana e nas colunas sobre os subúrbios da grande imprensa surgiam notícias que indiciavam o envolvimento de grupos locais com a instrução popular. (SCHUELER, RIZZINI, 2019). As ações de Elisa Scheid na União Operária do Engenho de Dentro, - e também de seu pai, Henrique Scheid (que, não por acaso, é atualmente nome de rua na localidade) -, embora não possam ser consideradas exceções, sem dúvida, conferiram aos Scheid reconhecimento social, prestígio e poder simbólico na região. Cabe destacar a presença de inúmeras menções aos feitos da família Scheid em jornais de grande circulação comercial da cidade do Rio de Janeiro. Em 07 de julho de 1901, no *Jornal do Brasil*, alguns anos antes da atuação de Elisa Scheid na fundação do Partido Operário Independente, a professora era apresentada como uma das mais fervorosas propagandistas da “[...] altruística ideia de formação de uma creche, para permanência durante o dia, de criancinhas cujas mães necessitem de trabalhar fora de suas casas, em fabricas, estabelecimentos de costuras e outros centros de trabalho.” (A CRÉCHE..., 1901, p. 2). Como pudemos investigar, no período em que atuou como professora primária no Engenho de Dentro, Elisa Scheid também esteve envolvida com os debates sobre a educação, a defesa das creches para as crianças de mães trabalhadoras e, também, com a fundação de um asilo para os operários acidentados e mutilados na Estrada de Ferro Central do Brasil. (OS SUBÚRBIOS..., 1905, p. 3). Nas páginas dos jornais, a justificativa para o incentivo à participação de Elisa Scheid nas ações beneméritas era, uma vez mais, atribuída ao convívio com seu pai, homem de “honradez”, estimado pelos operários que haviam trabalhado com o engenheiro. Ela própria, em alguns de seus artigos para o *Jornal do Brasil*, se referia às memórias de infância, quando acompanhava o pai em visitas aos operários enfermos, fato que teria contribuído para desenvolver o seu “[...] espírito de observação dos fatos da vida.” (OPERARIOS..., 1903 p. 3).

Em que pese a referência ao protagonismo masculino na representação produzida pela imprensa sobre os Scheid, reafirmada pela própria narrativa de Elisa, o que nos interessa ressaltar aqui é o seu protagonismo à frente das questões da educação e das associações de trabalhadores da Estrada de Ferro<sup>18</sup>. Como outras mulheres e professoras de seu tempo, a sua atuação em espaços e redes de sociabilidade políticas distintas nos possibilita conjecturar que não foi pouco relevante a presença das mulheres em ofícios e tarefas, até então considerados pouco prováveis, para além de cuidar de suas casas, seus filhos e maridos. As investigações sobre as experiências das mulheres trabalhadoras há muito nos apontam outros percursos. As mulheres pobres, e também aquelas pertencentes às classes médias letradas (seria esse o caso de Elisa Scheid?), ocupavam os espaços públicos e as ruas, como professoras, costureiras,





lavadeiras, bordadeiras, quituteiras, operárias de fábricas, dentre outros ofícios, segundo os quais a figura feminina não estava *aprisionada* à esfera privada. (FRACCARO, 2018; RIZZINI, SCHUELER, 2018). Dessa maneira, a figura de Elisa Scheid nos chama atenção pelo fato de ela não vir a público, nas páginas da imprensa, representando a figura da mãe, esposa, conselheira, mas como uma liderança do movimento operário, referida por alguns contemporâneos como “[...] uma inteligente senhorita.” (A CRÉCHE..., 1901, p. 2). O fato de Elisa ser uma mulher letrada, e não pertencer às camadas menos abastadas da população, certamente proporcionou a ela ocupar uma função simbolicamente valorizada pela sociedade, pois o magistério e redação dos jornais lhe conferiam relativa autonomia, reconhecimento profissional e mobilidade social. Dessa forma, ainda que, Elisa Scheid se intitulasse como “uma operária”, e advogasse em favor dessa causa, não podemos esquecer seu lugar de classe e a distinção social, pelo fato de atuar como professora, jornalista e militante política, trabalhadora no campo das letras. A presença feminina na imprensa, na literatura e nas salas de aula foi um veículo significativo para que elas utilizassem esses espaços como instrumentos de combate às desigualdades, como fronteiras tensas aos tradicionais espaços domésticos e privados. Lugares arduamente conquistados nas disputas por outras representações e concepções distintas sobre as relações de gênero naquele contexto. (RIZZINI, SCHUELER, 2020).

## UMA OPERÁRIA DAS LETRAS NOS SUBÚRBIOS DA CENTRAL

No mesmo ano em que conseguiu subvenção pública para manter sua escola particular, Elisa Scheid, junto com outros 70 companheiros, fundou em 14 de julho de 1899 a associação União Operária do Engenho de Dentro. Seus sócios eram empregados das Oficinas da Estrada de Ferro Central do Brasil e operários da Companhia de Tecidos Seda Brasileira. Caracterizava-se como uma associação pluriprofissional e tinha a finalidade de promover a defesa e a união dos operários e proletários dos subúrbios, especialmente, daqueles residentes nas proximidades da estação do Engenho de Dentro. No ano de 1903, quando passou a ser presidida por Antônio Augusto Pinto Machado, a organização sofreu um influente crescimento e, já no ano de 1904, o número de associados passou a ser ilimitado: não havia distinção de nacionalidade, sexo, religião, cor ou opinião política; a única exigência era que esses sujeitos fossem operários ou proletários e que tivessem mais de 15 anos de idade. Todavia, foi no ano de 1905 que, possivelmente, a organização tenha apresentado seu maior número de associados, passando a contar com 7.500 sócios, trabalhadores das mais variadas categorias. (FRACCARO, 2008). Quanto às mensalidades, essas variavam entre homens e mulheres, para eles custava 1\$000 e para elas \$ 500 e, dentre os direitos dos associados, estava a proteção em casos de prisão, perda de emprego e acidente de trabalho. (BATALHA, 2009).

Na União Operária do Engenho de Dentro, a professora exerceu papel de destaque, atuando como relatora da comissão de instrução e redação do jornal A União Operária. O impresso foi inicialmente planejado para circular como número único em homenagem ao Dia



do Trabalhador, em 1º de maio de 1904. Nessa edição possuía 8 páginas, compostas por colunas assinadas por trabalhadores, membros da associação, incluindo a redatora Elisa Scheid. No entanto, o periódico acabou sendo publicado em duas outras ocasiões, em versão mais reduzida, com 4 páginas. Nessas edições, as colunas foram dedicadas às lutas e às demandas dos trabalhadores dos subúrbios, como a defesa da instrução e a organização e atividades do Partido Operário Independente. Pelas páginas do impresso, observamos como a professora tornou-se um elemento aglutinador no movimento operário, circulando entre associações diversas, do Rio de Janeiro e de outras cidades, como também em periódicos de grande circulação e na imprensa de trabalhadores. Elisa Scheid utilizava as páginas d'A União Operária para expressar e publicar suas perspectivas acerca da importância da instrução para formação de uma classe trabalhadora unida. A União Operária do Engenho de Dentro e as Escolas Elisa Scheid eram a própria materialização da força que a educação assumiu nas lutas operárias. (OS OPERARIOS..., 1906, p. 6).

As Escolas Elisa Scheid, além de representarem espaços de ensino das primeiras letras, eram sobretudo, lugares de representação de ações cívicas, o que aponta para a importância da instituição escolar não somente na cena da instrução, mas também nos eventos sociais dos subúrbios da cidade. As escolas foram palco, por exemplo, da realização de uma quermesse, promovida pela Liga de Educação Cívica do Meier, na qual a professora e os alunos foram incumbidos de cantar o “hymno á bandeira” e o “hymno ao trabalho, no acto de encerramento”. O curso noturno, dirigido aos trabalhadores, se aproximava do ensino secundário, com aulas de português, aritmética, francês, desenho e sociologia, de segunda à sábado, das 7 às 10 horas da noite, regidas pelos professores Argemiro Washingtong Nascimento e pelos adjuntos Vieira de Mello e Pinto Machado. (OS OPERARIOS..., 1906, p. 6). A adoção do ensino de desenho, francês e sociologia indicia a preocupação com o aprimoramento profissional e político de seus associados.

Infelizmente, até o presente momento, não temos mais informações sobre o funcionamento cotidiano das escolas. No entanto, foi possível apurar que, no ano de 1909, continuavam sob a gestão da União Operária do Engenho de Dentro, contando com 80 alunos matriculados. (21 DE ABRIL..., 1909, p. 5). Também observamos que a iniciativa e o nome da professora não se mantiveram restritos à cidade do Rio de Janeiro. No Ceará, em 1905, noticiava o Correio da Manhã, o Centro Artístico Cearense, localizado em Fortaleza, entregou o título de sócia honorária a Elisa Scheid. Dentre as ações propostas para homenageá-la, ainda houve a fundação de dois estabelecimentos de ensino noturno: um feminino, que se manteve ativo entre os anos de 1906 e 1909 e recebeu o nome da professora carioca, e, o outro, voltado para o público masculino, que se tornaria misto em 1923, com o nome de Pinto Machado. (MARTINS, 2018).

O Partido Operário Independente, – cuja sede esteve fixada, em um primeiro momento, na Rua Aguiar, n. 4, em Cascadura e, em seguida, na Rua Dr. Niemayer, n. 3, mesmo endereço da sede da União Operária do Engenho de Dentro – dirigido pela professora -, também



representou a imbricação entre as lutas pelos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras e os anseios pela expansão do acesso à instrução primária<sup>19</sup>. Nas diretrizes do partido político, publicadas na folha A União Operária em outubro de 1905, a presidente destacava que as suas ações individuais poderiam contribuir para congregar outros trabalhadores e membros para a associação, que se convenceriam da eficácia do valor da luta coletiva e da força da solidariedade. (PARTIDO..., 1905, p. 1). Para ela, a formação moral pela via da instrução primária era tarefa primordial, por isso, declarava, eram válidos todos os esforços para difundir as escolas e as letras entre os trabalhadores. Desse modo, conforme já ficou evidente, assim como acontecia com a União Operária do Engenho de Dentro, a relação da instrução com a formação da ideia de classe era uma das bandeiras hasteadas pelo Partido Operário Independente.

Na “Interview” com Elisa Scheid, realizada pela Gazeta de Notícias em 05 de janeiro de 1906, a qual nos referimos no início do presente artigo, a própria professora se apresentava como um dos grandes pilares para o Partido Operário Independente, na medida em que liderava uma parcela substancial de eleitores. Indagada se o partido iria pleitear a eleição de deputados e de senador pelo Distrito Federal, a entrevistada declarou que no período de sua formação, o Partido Operário não dispunha de “delegados” que tivessem a prática e os conhecimentos necessários para alistar seus companheiros, segundo a lei em vigor, que dificultava o processo. O obstáculo levou-o a recorrer a diversos políticos que pudessem receber os votos dos operários, do Distrito Federal e de outros estados, para as eleições que se aproximavam. Para um novo alistamento eleitoral, a dirigente esperava trazer grande reforço às fileiras do partido, incluindo a presença de representantes exclusivamente seus, provenientes de todo o país. A preocupação com a formação política de seus quadros aparece na fala de Elisa, mais uma vez manifestando os seus anseios e de seus companheiros pela instrução dos associados, a partir de uma concepção pedagógica que transcendia o aprendizado das letras, unindo escola e prática política num único projeto. A expectativa era a de que o partido pudesse vir a ser “[...] a mais forte potência eleitoral do Distrito Federal, e isto sem grandes esforços dos seus dirigentes, que tudo esperam do sentimento de solidariedade que anima a classe.” (AS ELEIÇÕES..., 1906, p. 2). As palavras da “[...] operária do pensamento [...]” (SILVA, 2018) asseveram o intuito de uma organização de alavancar a união dos trabalhadores para além das fronteiras dos subúrbios cariocas, fomentando o sentimento de solidariedade – preceito fundamental para a identidade de classe – que ultrapassa demarcações geográficas, de ofício, raça e gênero.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenhamos apresentado nesse artigo alguns avanços na pesquisa sobre a trajetória de Elisa Scheid, em virtude das fontes esparsas, não foi possível ainda aprofundar outros aspectos que compuseram o percurso de vida pessoal e profissional da professora. Entretanto, o que foi investigado, até o presente momento, nos aponta para o fato de que Elisa representou



uma das muitas mulheres dispostas a civilizar e formar os trabalhadores e operários nos anos subsequentes à proclamação da República.

A sua trajetória também nos permite apreciar as relações entre homens e mulheres nos mundos do trabalho, considerando seus contextos históricos e as relações de poder que constituem a sociedade e suas disputas. Conforme discute Pires (2016, p. 125), as operárias “não ficaram passivas no papel de subordinação imposto pelos homens e nem na exploração industrial”, porém “buscaram outras formas de resistência à exploração, pois não estavam tão integradas ao movimento operário quanto os homens, em decorrência do espaço público, da política, ser considerado como espaço masculino, em oposição ao espaço doméstico, visto como o lugar natural da mulher que não precisava trabalhar para complementar a renda da família.” A construção discursiva em torno de Elisa Scheid, nas fontes, girava em torno da figura de professora e intelectual – a “operária do pensamento”, o que a aproximava do mundo do trabalho manual, não obstante a marca de distinção proporcionada pela atividade intelectual<sup>20</sup>. Com base nas reflexões de Souza (2019, p. 25), podemos supor que a participação de Elisa nos eventos e comemorações da União Operária e de outras associações de trabalhadores representaram uma plataforma material e discursiva para agenciar papéis sociais mais amplos e resguardaram a força simbólica de autorrepresentação que ela soube conquistar. Deste modo, ela ocupou lugares pouco comuns às mulheres à época, como a vice-presidência da União Operária do Engenho de Dentro e a presidência do Partido Operário Independente. O que representaria, em termos simbólicos, a presença de Elisa nestes espaços? Como os membros de uma associação que representava uma maioria de trabalhadores do sexo masculino viam a presença de uma mulher na diretoria? O magistério e a atuação intelectual podem ser as chaves para entender estas questões. Como militante do movimento operário e distinta professora pública, sua presença reforçava o ideal civilizatório e moralizador associado a projetos de instrução do operariado no período.

Os estudos sobre as trajetórias de professoras são fundamentais para refletirmos sobre as mulheres enquanto agentes em movimento, em processos de luta, considerando suas relações sociais como um todo (SCOTT, 1995) e não somente como sujeitos passivos e dependentes de uma figura masculina para se posicionarem ou reivindicarem direitos. Naquele contexto, as relações entre homens e mulheres se davam para além da subalternidade ou patriarcado, já que elas forjavam espaços de luta e ação para se colocarem no campo de disputas políticas, tão em voga nos anos que sucederam a proclamação da República.

## REFERÊNCIAS

21 DE ABRIL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 8961, p. 5, 17 abr. 1909.

A CRÉCHE. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 188, p. 2, 07 jul. 1901.



ABREU, M. A. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2013.

ALMEIDA, J. R. P. Elisa Scheid. **Renascença: Revista Mensal de Letras, Ciências e Artes**. Rio de Janeiro: E. Bevilacqua, ano II, n. 25, p. 264-265, 11 dez. 1905.

AS ELEIÇÕES nos subúrbios: o partido Operário “interview” com Elisa Scheid. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXXII, n. 5, p. 2, 05 jan. 1906.

BARBOSA, M. **Os donos do Rio: imprensa, poder e público**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BATALHA, C. (org.). **Dicionário do movimento operário na cidade do Rio de Janeiro do século XX aos anos 1920, militantes e organizações**. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

BEAKLINI, A. V. **Da escola nas oficinas à oficina como escola: sujeitos, circulação e apropriação de modelos de educação profissional na Estrada de Ferro D. Pedro II (1882-1906)**. 2018. 256f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

BENCHIMOL, J. L. **Pereira Passos: um Haussmann tropical**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

BOENAVIDES, D. L. P. **A escrita da mulher trabalhadora na imprensa operária brasileira da república velha: a luta contra o enclausuramento e o preconceito linguístico**. 2018. 190f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2018.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CARULA, K. A imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 261-279, jan./abr. 2016.

COSTA, A. L. J. **O educar-se das classes populares oitocentistas no Rio de Janeiro entre a escolarização e a experiência**. 2012. 274 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

DIRECTORIA Geral de Instrução Pública Municipal. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXX, n. 34, p. 1, 03 fev. 1903.

DISTRICTO Federal: Prefeitura. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XXX, n. 328, p. 9, 25 nov. 1920.

DUARTE, C. **A história possível: imprensa e emancipação da mulher no Brasil do século XIX**. Imprensa feminina e feminista no Brasil. Século XIX. Bahia: Autêntica, 2016, p. 13-28.



ESCOLAS primarias, elementares e nocturnas. **Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 83, v. 1, p. 713, 1927.

FRACCARO, G. C. C. **Morigerados e revoltados**. Trabalho e organização de ferroviários da Central do Brasil e da Leopoldina (1889-1920). 2008. 127 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FRACCARO, G. C. C. **Os direitos das mulheres**: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937). Rio de Janeiro: FGV, 2018.

GARZONI, L. C. **Arena de combate**: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX). 2012. 291 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

GIBBS, F.; OWENS, T. **The hermeneutics of data and historical writing**. Writing history in the digital age. Ann. Arbor: U. of Michigan Press, 2012.

GINZBURG, C. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. *In*: GINZBURG, C.; CASTELNUOVO, E.; PONI, C. (org.). **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1991.

GOLDMACHER, M. A **“greve geral” de 1903**: o Rio de Janeiro nas décadas de 1890 a 1910. 2009. 181 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

GOMES, C. E. D. **“Instruam o operário”**: Projetos, disputas e demandas por instrução para trabalhadores na imprensa do Engenho de Dentro (1890-1905). 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

LIMEIRA, A. M. **O comércio da instrução**: colégios particulares, propagandas e subvenções públicas. 2010. 282 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MARTINS, B. C. R. **“Os trabalhadores que se apresentam à noite as escolas”**: sentidos e significados dos cursos noturnos para trabalhadores urbanos no Rio de Janeiro (1870-1910). 232 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

MIYASAKA, C. R. **Viver nos subúrbios**: A experiência dos trabalhadores de Inhaúma - Rio de Janeiro (1890-1910). Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2011.



OPERARIOS: III – Honradez. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 46, p. 3, 15 jan. 1903.

OS OPERARIOS: vida e costumes - - no Engenho de Dentro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 259, p. 8, 16 set. 1906.

OS SUBÚRBIOS: a vida operaria, uma idéia generosa - - - Diversas. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXXI, n. 151, p. 3, 31 maio 1905.

PARTIDO Operario Independente. **A União Operaria**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 2, 08 out. 1905.

PIRES, I. C. S. Gênero e trabalho em fábricas de tecidos: o caso da Companhia de Fiação e Tecidos Aliança. **Revista Cantareira**, p. 113-126, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27852>. Acesso em: 20 jun. 2019.

RIZZINI, I.; SCHUELER, A. F. M. “O feminismo transborda”: docência, produção escrita e atuação política de Aurea Corrêa na cidade do Rio de Janeiro (1900-1920). Dossiê temático “Pesquisas em História da Educação: desafios passados e contemporâneos”. **Revista Práxis Educacional**, v. 16, n. 38, p. 42-65, jan./mar. 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/41550621/\\_O\\_FEMINISMO\\_TRANSBORDA\\_DOC%C3%8ANCIA\\_PRODU%C3%87%C3%83O\\_ESCRITA\\_E\\_ATUA%C3%87%C3%83O\\_POL%C3%8DTICA\\_DE\\_AUREA\\_CORR%C3%8AA\\_NA\\_CIDADE\\_DO\\_RIO\\_DE\\_JANEIRO](https://www.academia.edu/41550621/_O_FEMINISMO_TRANSBORDA_DOC%C3%8ANCIA_PRODU%C3%87%C3%83O_ESCRITA_E_ATUA%C3%87%C3%83O_POL%C3%8DTICA_DE_AUREA_CORR%C3%8AA_NA_CIDADE_DO_RIO_DE_JANEIRO). Acesso em: 20 jun. 2019.

RIZZINI, I.; SCHUELER, A. F. M. Entre o mundo da casa e o espaço público: um plebiscito sobre a educação da mulher (Rio de Janeiro, 1906). **Revista História e Historiografia da Educação**, v. 2, n. 4, p. 122-146, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rhhe/article/view/55858>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ROCHA, E. P. Vida de professora: ideias e aventuras de Leolinda de Figueiredo Daltro durante a Primeira República. **Revista Mundos do Trabalho**, v. 8, n. 15, p. 29-47, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2016v8n15p29>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SCHUELER, A. F. M.; RIZZINI, I. Entre becos, morros e trilhos: expansão da escola primária na cidade do Rio de Janeiro (1870-1906). **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 1, p. 160-175, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/47656>. Acesso em: 20 jun. 2019.

SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 20 jun. 2019.



SERTAFY, E. R. C. **Pelo trem dos subúrbios**: disputas e solidariedades da ocupação do Engenho de Dentro (1870-1906). 2017. 109 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura do Departamento de História da PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, M. G. “Operários do pensamento”: trajetórias, sociabilidades e experiências de organização docente de homens e mulheres no Rio de Janeiro (1900-1937). 2018. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

SILVA, P. H. P. Pedro Baptista Matera: das agitações sindicais à fundação da Escola Operária 1º de Maio. **Rev. HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 19, p. 1-23, e019011, 2019.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8653053/19242>. Acesso em: 14 jun. 2019.

SOIHET, R.; PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 54, p. 281-300, dez. 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882007000200015&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000200015&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 20 jun. 2019.

SOUZA, F. A. As cigareiras revoltosas e o movimento operário: história da primeira greve feminina do Recife e as representações das mulheres operárias na imprensa. **Cadernos Pagu**, v. 55, p. 1-28, 2019. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332019000100502&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000100502&tlng=pt). Acesso em: 20 jun. 2019.

TERRA, P. C. **Cidadania e trabalhadores**: cocheiros e carroceiros no Rio de Janeiro (1870-1906). Rio de Janeiro: Casa Civil: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2013.

## Notas

<sup>1</sup> Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Associada na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: [irma.rizzini@gmail.com](mailto:irma.rizzini@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutorado em andamento em Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: [camillaestevamgomes@gmail.com](mailto:camillaestevamgomes@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Associada na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato: [alefrotaschueler@gmail.com](mailto:alefrotaschueler@gmail.com)

<sup>4</sup> Neste sentido, estamos investindo nos estudos sobre trajetórias de professoras no Rio de Janeiro, com o desenvolvimento do projeto “Gêneros e trabalho docente: professoras como intelectuais na cidade do Rio de Janeiro (1890-1920), resultado da parceria entre pesquisadores/as da área de História da Educação da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> A Gazeta de Notícias, fundada no Rio de Janeiro em 1875, circulava também nos lugares de fora da cidade. De acordo com Barbosa (2000, p. 44), além da assinatura mensal, o jornal era vendido “por toda a cidade, nos quiosques, nas pontes das barcas, nas estações de bondes e em todas as estações da Estrada de Ferro D. Pedro II”, o que ampliava o seu acesso aos subúrbios.





<sup>6</sup> FRACCARO (2008), BATALHA (2009), GARZONI (2012), COSTA (2012), MARTINS (2018), BOENAVIDES (2018).

<sup>7</sup> A professora Leolinda de Figueiredo Dalto defendia a incorporação dos índios brasileiros à sociedade, por meio da alfabetização laica e, em 1896, deu início ao seu projeto de percorrer o interior do país para pôr suas ideias em prática. Sua investida pelo interior do país terminou em 1897, quando retornou à cidade do Rio de Janeiro e fundou o Grêmio Patriótico Leolinda Dalto, com a proposta de catequização cívica dos índios, sem a interferência da Igreja. Para além das questões indígenas, a professora também se dedicou à defesa da cidadania plena das mulheres, tendo fundado o Partido Republicano Feminino em 1910. Como professora pública, Leolinda também atuou nos subúrbios. (ROCHA, 2016).

<sup>8</sup> A busca por entre "rastros e fios", a partir de um nome, permite a compreensão das tramas complexas tecidas pelos sujeitos sociais, em diferentes escalas de análise e contextos móveis variados. Nesse trabalho, o rastreamento do nome Elisa Scheid na base digital e periódicos Hemeroteca da Biblioteca Nacional funcionou como uma bússola para a reconstrução de indícios de trajetória profissional da professora e de suas redes de sociabilidade, na medida em que a grande quantidade de notas e artigos localizados nos jornais em torno do seu nome demonstra uma intensa atividade de escrituração sobre ela, bem como sobre os lugares e os modos de inscrição dos sujeitos e sobre os sujeitos naquele contexto específico. (GINZBURG, 1991). Por essa metodologia, há que se atentar para os perigos da "ilusão cartesiana", pois as ferramentas digitais, sujeitas à programação aleatória de algoritmos, não dão conta da totalidade e das múltiplas e ricas dimensões das trajetórias e agências dos sujeitos históricos. (GIBBS, OWENS, 2012).

<sup>9</sup> Intitulado Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro, o anuário ficou conhecido como Almanak Laemmert e foi publicado regularmente todos os anos, entre 1844 e anos iniciais do século XX. O impresso divulgava serviços profissionais "[...] dos mais diversos ramos de atividade periódicos publicados na Corte, instituições religiosas, sociedades de leitura, comércio, livrarias e tipografias, academias científicas, escolas, aulas avulsas e colégios (públicos, privados, militares, religiosos), hospitais, asilos, associações." (LIMEIRA, 2010, p. 14).

<sup>10</sup> Essa foi a última ocorrência de Elisa Scheid na cena do magistério municipal, localizada no Almanak Laemmert.

<sup>11</sup> As informações sobre as origens familiares de Elisa Scheid estão baseadas no artigo de Pires de Almeida (1905, p. 264-265), já citado.

<sup>12</sup> A Estrada de Ferro Dom Pedro II conforme salientam Benchimol (1992), Abreu (2013) e Schwarcz (2017), desde a década de 1850 até a década de 1870, era composta pelas estações de Queimados, Maxambomba (atual Nova Iguaçu), Cascadura, Engenho Novo, São Cristóvão, Sapopemba (atual Deodoro), Belém (Japeri), São Francisco Xavier, Riachuelo e Todos os Santos. No ano em que foi inaugurada, tinha duas estações para tráfego: a do Campo (Central), localizada no centro da cidade, e a de Cascadura, com outra para parada, a de Venda Grande, ambas localizadas na freguesia de Inhaúma. Já nas décadas de 1870 e 1880, o distrito apresentava outras quatro estações: Engenho de Dentro (1871), Piedade (1873), Cupertino (1886) e Encantado (1889).

<sup>13</sup> A primeira linha de bondes, a Companhia Carris da Tijuca, foi inaugurada no ano de 1859, porém teve os serviços encerrados em 1866. Dessa forma, no ano de 1868, a *Botanical Garden Railroad* inaugurou uma linha que ligava o centro da cidade ao Largo do Machado, na freguesia da Glória. Já em 1871, foram inaugurados dois novos ramais, um ligando Botafogo e Jardim Botânico e outro ramal para Laranjeiras; no ano de 1872, mais um ramal fazendo ligação à Gávea. Nesse sentido, os bondes representaram um diferencial na transformação da *urbs* carioca, em especial, nas freguesias urbanas. (ABREU, 2013; TERRA, 2013).

<sup>14</sup> No recenseamento do ano de 1872, por exemplo, a cidade tinha 274.972 habitantes e estava dividida entre 19 freguesias, sendo 11 freguesias urbanas – Candelária, São José, Santa Rita, Sacramento, Glória, Santana, Santo Antônio, Espírito Santo, Engenho Velho, Lagoa e São Cristóvão – com um total de 228.743 habitantes e 8 freguesias rurais – Irajá, Jacarepaguá, Inhaúma, Guaratiba, Campo Grande, Santa Cruz, Ilha do Governador e Ilha de Paquetá – que apresentavam 46.229 habitantes, os quais, desse total, 7.444 residiam na freguesia de Inhaúma. A respeito, ver os estudos de Sertafy (2017) e Miyasaka (2011).

<sup>15</sup> No Censo de 1890, o quadro de freguesias urbanas aumentou, em função do acréscimo de duas freguesias urbanas, a da Gávea e a do Engenho Novo.

<sup>16</sup> Sertafy (2017, p. 31) destaca que o interesse pelas terras suburbanas foi resultado de um processo anterior à ferrovia, posto que, desde meados do século XIX, a ideia de que esse meio de transporte tornaria fácil o deslocamento passou a figurar como carro-chefe de empreendimentos comerciais que anunciavam a compra e a venda de terrenos na região.

<sup>17</sup> No Jornal do Brasil, em 16 de setembro de 1906, uma coluna intitulada "Os operários – vidas e costumes no Engenho de Dentro" foi publicada com o objetivo de representar a vida cotidiana naquela região suburbana,



---

destacando-se a ocupação dos subúrbios e a as inciativas da União Operária do Engenho de Dentro em prol dos trabalhadores e suas demandas.

<sup>18</sup> Elisa Scheid não foi a única figura feminina presente na estrutura organizativa da União Operária do Engenho de Dentro. Appolonia Thereza Leite da Silva foi bibliotecária e tesoureira da associação. Duas outras mulheres atuaram no movimento, por meio do magistério: as aulas da escola diurna mantida pela União Operária estavam sob a direção de Constança Gutierrez dos Santos, que era auxiliada por Luiza Gutierrez dos Santos.

<sup>19</sup> Fundado no ano de 1905, com programa inspirado no *Independent Labour Party* britânico, o partido propunha: jornada de trabalho de 8 horas; instrução para os filhos dos trabalhadores; responsabilização dos proprietários pelos acidentes; amparo aos operários idosos, às crianças órfãs, cegos e indigentes; além de garantias legais do contrato de trabalho. (BATALHA, 2009).

<sup>20</sup> Silva (2018), em sua pesquisa sobre as experiências de organização docente, de homens e mulheres, na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1900 e 1937, encontrou o termo “Operários do pensamento” nos jornais pesquisados. A expressão se vinculava às profissões que exigiam o domínio profissional da escrita, como a de jornalista e a de professor. No caso da profissão docente, o autor encontrou também os termos “operários do espírito” e “operários intelectuais”, compreendidos como uma tentativa de aproximação discursiva desses profissionais com o trabalhador fabril. Contudo, a marca de distinção estava garantida com as denominações referentes à função intelectual.